

SARA NISHA ADAMS

**A lista de  
leitura para  
corações  
solitários**

“Uma linda história sobre a magia dos livros  
e a alegria da conexão humana.” – **Newsweek**



*À memória de Vovó, Vovô, Ba e Dada.  
E aos meus pais.  
Amo muito vocês.*

## Prólogo

# A lista de leitura

2017

As portas são novas, automáticas, mais chiques do que quando Aidan esteve ali da última vez. Assim que entra, ele logo repara nas fileiras esparsas de livros. Quando era mais novo, *menor*, as prateleiras pareciam não ter fim, repletas de volumes de todos os formatos e tamanhos. Mesmo na adolescência, quando trabalhava ali nas férias de verão, considerava aquele lugar uma espécie de santuário e, ainda que nunca admitisse para os amigos, adorava se perder entre pilhas e pilhas de exemplares. Agora talvez esteja só floreando as próprias lembranças, imaginando um paraíso literário que nunca existiu. Aos 22 anos, porém, já não mais um menino, ali está ele de novo à procura de um lugar para se esconder – do mundo, dos amigos, da própria família.

A bibliotecária ergue os olhos por um momento ao vê-lo entrar. Ela sorri. Aidan é recebido pelo silêncio. Em sua lembrança, *nunca* fazia silêncio naquele lugar. É óbvio que não haveria barulho numa *biblioteca...* mas sempre havia um ruído de passos, crianças sussurrando para as mães, gente virando páginas, movendo cadeiras, tossindo, fungando. Desta vez mal se ouve um som sequer. Alguém digita uma mensagem no celular. A bibliotecária aperta sem piedade as teclas velhas de um computador. E só. Ultimamente ele tem visto cartazes de apoio às bibliotecas de Brent pendurados em murais de lojinhas de conveniência, na academia, nas estações de metrô, anunciando manifestações, petições e eventos beneficentes. Mas nunca lhe havia passado pela cabeça que a Biblioteca da Harrow Road, tão popular e querida, precisasse ser salva. Agora que está ali, no entanto, seu

coração começa a ficar apertado. Talvez a Harrow Road seja a próxima a fechar as portas.

Ele perambula até as prateleiras de ficção, na seção de romances policiais, e corre os dedos pelas lombadas, detendo-se em *Black Water Rising*, de Attica Locke. Já o leu alguns anos atrás, talvez até mais de uma vez. Ao começar a virar as páginas em busca de uma válvula de escape, jorram as lembranças... da Houston de Attica Locke, a cidade viva, vibrante, sombria, recheada de contradições e contrastes. Ele precisa desse tipo de familiaridade. Precisa adentrar novamente um mundo onde haja sustos, reviravoltas, guinadas, mas onde saiba como tudo vai terminar.

Precisa saber como *alguma coisa* vai terminar.

A mesa à qual ele costumava se enroscar na infância não está mais ali. Tudo mudou de lugar. Nada continuará a ser como era só para agradá-lo, não nessa vida. É mais um verão ruim. No entanto, a narrativa o inunda conforme ele acompanha as frases com a ponta dos dedos, tentando recriar a sensação de solidez, de ter raízes, de ser meramente um corpo lendo palavras, uma mente em devaneio. Ele sente a história arrebatá-lo, levá-lo para longe. Seus pensamentos, suas preocupações, sua voz interior começam a zumbir em segundo plano e acabam por virar pouco mais que ruído indistinto.

Quando era pequeno, a mãe de Aidan o levava ali com a irmã mais nova dele, Aleisha. Sempre mais interessada em brincar, Aleisha esperneava, fazia manha, e Leilah precisava levá-la para fora. Aidan nunca conseguia ter mais que alguns minutos sozinho, mas aqueles minutos o acalmavam, faziam sua mente desacelerar, o ajudavam a respirar, a fugir... do jeito que ele mais precisasse.

Um barulho denuncia a presença de alguém a seu lado. Aidan baixa a cabeça e gruda os olhos na página, relutante em deixar que alguém quebre aquele encanto. De soslaio, repara numa pilha de livros sobre a mesa. Uma barricada.

Uma cadeira é arrastada e pedaços de papel são retirados de uma bolsa e colocados na mesa, formando uma massa branca e disforme de recibos amassados, uma ficha de biblioteca, uma página de palavras cruzadas.

Ele prende a respiração quando a pessoa começa a balbuciar algo quase inaudível. Não dá para identificar se é uma canção, um assovio ou sons to-

talmente aleatórios. Ele avista a ponta de uma caneta repousada sobre um papel e vai acompanhando o rabisco ritmado da esferográfica.

Aidan volta a olhar para o próprio livro e examina as palavras na página, sorvendo-as, buscando capturar a sensação da última vez que as leu naquela ordem.

Por alguns minutos, porém, ele se permite desviar o foco do livro para o interior da biblioteca, depois para a rua, para Wembley. Imagina como estará sua mãe neste momento. Será que Aleisha deu pela falta do irmão? Ele puxa a mente de volta para a biblioteca, para a pessoa sentada a seu lado, que rabisca como se sua vida dependesse disso.

De repente a pessoa se ergue, deixando na mesa um amontoado de papéis dobrados. Pelo canto do olho ele observa um dedo enfileirar cada um dos papeizinhos, como em câmera lenta... *Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito...* Os papéis são então acomodados dentro do primeiro livro, no alto da pilha – que agora ele percebe ser *O sol é para todos*.

As mãos da pessoa repousam por um momento na capa do livro, e Aidan se dá conta de que está parado na mesma página já faz algum tempo. Imagina se a pessoa percebeu que está sendo observada. Questiona-se por que a observa, afinal. Então, após um instante, braços cobertos por um grosso suéter preto puxam os livros para si. Com um ruído suave, a pilha de livros sai do campo de visão de Aidan e ele ouve o arrastar dos sapatos pelo tapete puído da biblioteca a caminho do balcão. Sua mente pode, enfim, retornar à história.



Quando por fim se levanta da cadeira, a luz do entardecer está entrando pela janela e o local assume a exata aparência que ele lembrava: pura magia. Parece até um milagre, embora ele nunca tenha acreditado nesse tipo de coisa. O sol projeta longas sombras sobre a biblioteca desordenada, cobrindo-a de um brilho caloroso de âmbar, como se a esculpisse em ouro. Ele recoloca a cadeira no lugar com cuidado, tentando não fazer barulho, apesar de já não haver quase ninguém em volta.

Então avista um único pedaço de papel dobrado sobre a mesa ao lado da sua – uma página de palavras cruzadas.

Ele olha para um lado, para outro e, lentamente, para trás. Ninguém está prestando atenção. Estica o braço, apanha o papel e o desdobra, uma face de cada vez. Seus dedos o tratam com toda a delicadeza; é quase tão fino quanto papel de seda. Não quer rasgá-lo. Pensa na pessoa desconhecida que, momentos antes, rascunhava e escrevia com convicção naquela mesa.

Quando afinal desdobra a página por completo, o mistério se revela. A caligrafia no verso da folha é precisa, arredondada, calorosa e convidativa.

Para o caso de você precisar:

*O sol é para todos*

*Rebecca*

*O caçador de pipas*

*As aventuras de Pi*

*Orgulho e preconceito*

*Mulherzinhas*

*Amada*

*Um rapaz adequado*

*O sol é para todos* – o primeiro livro da grande pilha. Aidan corre os olhos pela lista, que não tem significado algum para ele: são só palavras rascunhadas. Ainda assim, por um momento, ele cogita enfiar a lista no bolso. Mas se detém. Aquela pequena página, dobrada de forma tão meticulosa, nada mais é que a lista de leitura de um desconhecido. Para que ele precisaria de algo assim?

Coloca o papel de volta na mesa, pega seu livro, agradece internamente a Attica Locke e o devolve à prateleira dos romances policiais para que outra pessoa possa desfrutá-lo. Sai da biblioteca, as portas se fechando sozinhas atrás dele. Vira-se mais uma vez e vê o papel bem onde o deixou. As sombras da biblioteca se estreitam às suas costas, uma barreira de livros lidos e não lidos o separando daquela lista. Ao ir embora, sente a paz e o silêncio se afastarem enquanto toma o rumo das luzes e dos sons da cidade que chama de lar.

PARTE I

A MULHER DO  
VIAJANTE NO TEMPO

de Audrey Niffenegger



## Capítulo 1

# MUKESH

2019

BIP. “Oi, papai, é a Rohini. Desculpa por ligar de novo, mas sabe como eu fico preocupada quando você não atende nem retorna minhas ligações. A gente vai te visitar na sexta-feira, eu e a Priya. Me avisa se quiser que eu leve alguma coisa para comer ou beber. Estou achando que essa comida que você faz não é muito nutritiva nem balanceada... Você precisa comer algo que não seja feijão moyashi. E não esquece que hoje é dia de coleta de lixo orgânico. É o da lixeira preta. Aproveita e vê se come feijão preto também, pra combinar, há-há-há. Semana que vem é o reciclável, da lixeira verde, aí você come vagem até não poder mais. Mas, falando sério, chama o Param da casa 87 se precisar de ajuda. Sei que suas costas andam travadas.”

BIP. “Pai, é a Dipali. Rohini pediu pra te ligar porque você não deu notícias. Ela mandou avisar que hoje é dia de coleta de lixo. Vê se não esquece, para não ter que sair correndo de roupão pela rua como da última vez! Me liga mais tarde, tá? Estou indo trabalhar agora. Até logo. As meninas estão mandando um beijo também.”

BIP. “Oi, papai, é a Vritti. Tudo bem? Queria saber como você anda. Me avisa se precisar de alguma coisa. Posso dar uma passada aí logo mais, é só me avisar quando estiver livre. As próximas semanas vão ser corridas, mas eu dou um jeito, ok?”

E foi assim que o dia de Mukesh teve início, igual a quase todas as outras quartas-feiras: com três recados idênticos das filhas na secretária eletrônica, no horário ingrato das oito da manhã, antes do começo do expediente delas. Mukesh nem costumava estar de pé àquela hora.



Fosse outro dia da semana, talvez tivesse ligado para cada uma e avisado que estava ciente da coleta, mesmo que não estivesse, e que não fazia ideia de quem era o Param da casa 87, embora fizesse – gostava de brincar com elas. Mas hoje não tinha tempo para isso.

Era seu dia de fazer compras. Naina sempre se encarregara disso nas quartas – fugir à rotina agora seria errado. Antes de mais nada, checou a geladeira e os armários, organizados exatamente como Naina teria preferido: numa total desordem. Como suspeitava, o quiabo e o feijão moyashi haviam acabado. *Amava* feijão moyashi e continuaria comendo-o, a despeito do que Rohini dissera. Nunca havia cozinhado muito quando Naina era viva, a não ser nos meses derradeiros, mas sabia algumas receitas de cor. Era o que o mantinha de pé. Para que esquentar a cabeça com alimentação “nutritiva e balanceada” a essa altura da vida?

Quando abriu a porta e botou os pés fora de casa, o calor do auge do verão o atingiu em cheio. Tinha se vestido demais *de novo*. Já havia virado piada para os outros idosos do templo – quando eles sentiam frio, Mukesh sentia calor. Ficava constrangido com as marcas de suor nas axilas, embora os companheiros lhe dissessem: “Mukeshbhai, por que se preocupar com isso? Já estamos velhos. Quem se importa?”

Mas Mukesh não queria ser velho e, se parasse de se preocupar com manchas de suor, com arrotos em público, com esse tipo de coisa, talvez parasse de se importar também com coisas mais significativas.

Ajustou a boina, que usava em qualquer clima, para proteger os olhos do sol. Tinha aquela boina havia cinquenta anos. Estava gasta, puída, mas ele a amava. Já durara mais do que seu casamento, e, embora não quisesse ser pessimista, se a perdesse seria como perder outra parte fundamental de si mesmo.

A cada semana, a curta ladeira de casa até a rua principal ficava um pouco mais desafiadora, sua respiração se tornava um pouco mais ofegante, e um dia seria preciso pegar uma condução para fazer o percurso de cinco minutos. Quando enfim chegava ao topo da rua e virava à esquerda, ele respirava fundo, apoiado num poste, ajustava no ombro a sacola de lona com o símbolo do mandir, o templo, e seguia em frente rumo à mercearia de sempre, na Ealing Road.

A Ealing Road era um pouco mais tranquila às quartas-feiras, por isso Naina havia escolhido aquele dia para fazer compras. Sempre dizia que as-

sim reduzia o risco de esbarrar com algum conhecido, o que poderia transformar uma ida de dez minutos ao mercado num papo de uma hora só para colocar os assuntos em dia.

Algumas pessoas até entravam e saíam das lojas que exibiam nas vitrines belos manequins adornados por joias e tecidos brilhantes, mas a maioria frequentava as barracas de frutas, legumes e verduras ou circulava pelas proximidades da mesquita central de Wembley. Mukesh acenou para seu vizinho Nasim e a filha dele, Nur, que dividiam um pacote de salgadinhos de aipim sentados numa mureta. Não haviam conversado por mais do que uns poucos minutos desde a morte de Naina, mas, sempre que ele via Nasim e Nur, ganhava o dia.

Mukesh chegou, enfim, ao seu mercado favorito, atulhado de legumes e verduras de todos os tipos, frescos e cheirosos, protegidos do sol pelo toldo. Estava apinhado de clientes, carrinhos de bebê e crianças. Mukesh sentiu uma pequena onda de pânico lhe subindo pela garganta. Nikhil, plantado na entrada, parecia estar especificamente à sua espera.

– Ei, Mukesh!

Nikhil tinha 30 anos e era filho de um conhecido do templo. Deveria, portanto, tê-lo chamado de “Mukeshfua”, como sinal de respeito a um tio, mas Mukesh deixou passar, como sempre fazia. Não queria ser o *fua* daquele rapaz que ainda tinha todos os fios de cabelo, todos os dentes originais e que levaria tempo até cultivar a barriga flácida que Mukesh ostentava havia dez anos, conquistada graças a uma dieta de arroz, feijão moyashi e kadhi, o curry vegetariano. Gostava de se sentir um amigo de Nikhil, e não um tio velho e capenga.

– *Kemcho*, Nikhil – cumprimentou Mukesh. – Me vê uma boa quantidade de feijão moyashi. Um pouco de bhindi também.

– Quiabo? Fico só imaginando o que vai cozinhar hoje, Mukesh!

– Você sabe o que vai ser.

– Claro. Mas sabe que moyashi e quiabo nem combinam, não é? Faz algo diferente. *Uma vez* na vida, Mukesh. – Nikhil revirou os olhos de brincadeira, com um sorriso cheio de dentes no rosto.

– Rapaz, você sabe que deveria me chamar de *fua*! Vou ter que conversar com sua mãe sobre essa sua falta de educação.

Mukesh riu sozinho. Nem que tentasse, jamais conquistaria o respeito

que Naina um dia tivera. Ela havia sido a figura pública daquele casamento. Organizava satsangs no templo aos sábados e conduzia as bhajans, as canções rituais. Tanto pessoas mais jovens quanto de sua idade se inspiravam nela.

Ele observou Nikhil se esgueirar por entre os clientes até finalmente lhe trazer uma sacola azul recheada de verduras. Quiabo e moyashi aos montes, mas muitos outros itens também. O lugar não se chamava Variety Foods à toa.

Mukesh agradeceu com discrição e, abrindo caminho por entre os fregueses, saiu à rua, onde carros buzonavam com as janelas abertas e música de todo tipo se ouvia nas alturas.

Ao chegar à esquina, acelerou o passo com o embalo da descida, abriu a porta de casa e foi com dificuldade até a cozinha guardar as compras (itens extras do dia: espinafre, coentro e um ou dois pãezinhos, combinação perfeita para um pav bhaji, que Mukesh não fazia a menor ideia de como preparar). Por fim, sentou-se em frente à TV.

Às quartas-feiras ele geralmente guardava as compras e sentava-se em sua poltrona, com os pés para cima, tomando chai quente e doce na medida certa, do jeito que Naina costumava preparar (agora comprado em saquinhos com a mistura pronta). Esparramava-se em frente à Zee TV ou ao noticiário, para evitar contemplar a poltrona vazia a seu lado, a de Naina – e para preencher os ouvidos com sons, risadas e conversas austeras, grandes questões mundiais, distraindo a mente do silêncio ensurdecedor que o recebia em casa todos os dias havia dois anos.

Após a morte de Naina, Mukesh não fora capaz de dormir na própria cama por meses. Estar sozinho nela era como estar na casa de outra pessoa.

– Papai, leve o tempo que precisar – dissera Rohini a princípio, e Vritti arrumara uma cama para ele no sofá da sala.

– Ele não pode dormir assim para sempre, vai ferrar com as costas – cochichara Dipali para as irmãs depois de cobrir o pai com o edredom.

Essa estranha troca de papéis o deixara imensamente envergonhado. Como poderia se sentir inteiro de novo se sua metade partira para sempre?

– Ele vai ficar bem – cochichara Rohini em resposta. – Está de luto. Eu não tenho coragem de entrar no quarto, mas vamos ter que tirar as coisas da mamãe. Ela deixou tudo uma bagunça!

Deitado no sofá da sala, Mukesh havia fechado os olhos na esperança de abafar o som do riso delas. Riso suave, reconfortante. Era ele o pai; ele é quem deveria estar cuidando das filhas. Mas não conseguia. Sem Naina, não sabia como.

Um ano se passou e teve início o Período de Quietude Eterna de Mukesh Patel, aquele estágio silencioso e solitário em que se é a única pessoa que ainda não superou o luto. Foi quando Rohini, Dipali e Vritti insistiram em finalmente retirar os pertences de Naina do quarto.

– Papai, não vamos mais deixar você adiar isso. É hora de seguir em frente.

Elas se puseram, então, a remexer detalhes e destroços da vida da mãe, a reorganizar o caos organizado onde Naina reinava. Dipali, acometida por uma conveniente alergia a poeira, preferiu fazer o almoço para todos. Só por aquele dia, a casa se encheu de vida novamente – mas pelas razões erradas. Enquanto ouvia Dipali preparar a massa de panqueca na cozinha, Mukesh prostrou-se na porta do quarto que fora dele e de Naina e ficou observando Vritti e Rohini. Mukesh era silencioso e invisível na própria casa, um fantasma de si mesmo.

Rohini comandava o processo, gritando instruções para Vritti enquanto ela própria zanzava pelo quarto, pondo uma escova de volta no devido lugar numa caixa de sapatos em cima do armário, dobrando xales e arrumando-os dentro de uma grande mala com rodinhas, guardando punhados e mais punhados de pulseiras. Mukesh as viu puxar caixas e mais caixas de baixo da cama. Vritti, ajoelhada no chão, o rosto grudado no carpete, esticava a mão para a esquerda, depois para a direita.

De repente, uma barulheira de sons tilintantes.

– Ai, meu Deus! O que você fez? – grunhiu Rohini, encarando a irmã.

Vritti puxou a caixa, revelando um pote de iogurte com brincos misturados, agora meio vazio. Depois veio a caixa de sapatos da Clarks com fotografias que haviam distraído as meninas por horas quando eram pequenas, quando faziam perguntas no colo de Naina ou de Mukesh sobre suas roupas com estampas de caxemira e suas vistosas calças boca de sino. Mukesh sempre as achara muito estilosas. As meninas riam daquilo.

Em seguida apareceram vários potes vazios. Por fim, um único livro, um exemplar empoeirado de biblioteca.

Vritti desacelerou o ritmo por um instante e o pegou, enquanto Rohini se ajoelhava ao lado da irmã.

– Papai, corre aqui! – chamaram, sem notarem a presença dele a poucos metros.

Dipali viera correndo ao quarto também.

– Um livro da mamãe... Quer dizer, da biblioteca – disse Rohini. – Achava que eu tinha devolvido todos, mas devo ter esquecido esse.

Ela ergueu o volume para lhe mostrar e ele se aproximou, meio incrédulo. Como se aquele exemplar empoeirado, encardido, grudento, fosse alguma miragem. Ao ver as outras relíquias da vida da esposa, não sentiu nada. Mas naquele momento, ao ver o livro, o pó acinzentado formando manchas no encapamento de plástico, era como se Naina estivesse com elas no recinto. Ali, com as três filhas e uma das obras adoradas da esposa, por um instante, apenas por um instante, ele não se sentiu tão só.

Houvera um tempo em que livros da biblioteca se amontoavam sobre a mesa de cabeceira de Naina. Fizeram companhia a ela no último ano, quando lera e relera os mesmos títulos. Seus “favoritos”. Mukesh agora desejava ter perguntado sobre o que eram, o que ela amava neles, por que sentira necessidade de ler e reler sempre os mesmos. Desejava tê-los lido junto com a esposa.

E então lhe restara aquele único exemplar da biblioteca: *A mulher do viajante no tempo*.

Naquela noite, no quarto despido da bagunça de Naina, Mukesh abriu o livro, forçando a lombada, sentindo-se um intruso. O livro não era dele, não havia sido escolhido para ele, e talvez Naina nem quisesse que ele o lesse. Forçou-se a ler uma página, mas teve que parar. As palavras não faziam sentido. Estava tentando transformar as letras pretas e as páginas amareladas numa carta de Naina para ele. Mas não havia mensagem alguma.

Na noite seguinte tentou de novo. Acendeu a lâmpada de leitura de Naina e uma vez mais se voltou para a primeira página. Folheou as seguintes procurando ser delicado, tentando ao máximo não deixar sua marca no livro. Queria que ele fosse de Naina, e apenas de Naina. Vasculhou-o com olhar investigativo, em busca de uma pista – um vestígio em alguma página, uma gota de chai, uma lágrima, um cílio, o que fosse. Disse a si mesmo que um dia precisaria devolvê-lo à biblioteca – Naina teria querido assim.

Mas não conseguia desapegar. Não ainda. Aquela era sua última chance de trazer Naina de volta.

Absorveu página por página, capítulo por capítulo. Conheceu Henry, um personagem capaz de viajar no tempo. Por meio desse dom, ele conseguia encontrar uma versão passada ou futura de si mesmo e, o mais importante, também havia sido assim que conhecera Clare – viajara no tempo para encontrá-la quando era só uma menina, retornando repetidas vezes ao longo dos anos. O amor de sua vida. E Clare não tinha escolha senão amá-lo, pois ele era tudo que ela havia conhecido.

Mukesh começou a encarar os personagens não como Henry e Clare, mas como o próprio amor – amor daquele tipo que parece fadado a ocorrer, inescapável. Como o dele com Naina. Em dado momento da história, Henry dá um salto para o futuro e descobre que vai morrer. Conta a Clare que sabe quando isso acontecerá, quando serão separados para sempre.

Enquanto lia sobre a tragédia de Clare e Henry, o telefone a seu lado começou a tocar. Era Dipali. Ele não conseguiu falar nada, só chorar.

– Eu sabia que ela ia morrer, minha *beta* – disse à filha quando a voz enfim saiu. – Assim como Clare sabia que Henry ia morrer naquele livro. Quase conseguiam contar quantos dias ainda teriam juntos. Eu tive esse alerta também. Mas será que fiz o bastante? Será que tornei felizes os últimos meses dela?

– Pai, do que você está falando?

– Do livro da sua mãe. *O viajante no tempo*.

– O que tem ele, pai? – A voz dela saiu suave, o tom de pena perceptível.

– Henry e Clare... Sabe... Eles se amavam desde muito novos, assim como eu e sua mãe. E sabiam quando ele ia morrer. E viveram da melhor forma que puderam, aproveitando cada instante ao máximo. Mas não sei se fiz o mesmo.

– Pai, a mamãe te amava e sabia que era amada. Isso basta. Olha só, já está tarde. Vai dormir, ok? Não se preocupa com isso. Você deu a ela uma boa vida e ela te deu uma boa vida também.

Naina havia morrido. Mas aquele livro parecia um olhar fugidio para dentro da alma dela, para o amor deles, para a vida que haviam compartilhado. Um flagrante do início do casamento, quando ainda eram praticamente dois estranhos. Casados, sem terem ideia de como era o outro de

fato. Naina fazia tudo: cozinhava, limpava, ria, chorava, cerzia, consertava e, no fim da noite, lia. Acomodava-se na cama como se tivesse tido o mais relaxante dos dias e lia. Desde as primeiras semanas como casal, ele sabia que a amava e que a amaria para sempre.

*Você nunca vai me perder, Mukesh*, disse Naina enquanto ele segurava bem firme o livro. Ele ouviu as palavras. A voz dela. A história a trouxera de volta, ainda que apenas por um momento.



Ao pegar o controle remoto, seguindo a rotina do dia, a mão de Mukesh esbarrou num livro. *A mulher do viajante no tempo* o observava da mesinha de centro. *Hora de ir à biblioteca, sem mais desculpas*, lhe sussurrou o livro com uma voz estranhamente parecida com a de Naina. Hora de seguir em frente.

Depois de respirar fundo algumas vezes e esticar um pouco as pernas, ele se ergueu, enfiou o livro na sacola de lona, procurou o vale-transporte nos bolsos e saiu decidido de casa, subindo a rua. Atravessou no sinal para chegar ao ponto de ônibus mais próximo. Ficou à espera, com dificuldade para ler os horários.

Uma moça estava parada ao seu lado, com um coque desgrenhado e um celular enorme, que segurava com ambas as mãos.

– Com licença. Para que lado fica a biblioteca e que ônibus eu pego para chegar lá, por favor?

A jovem suspirou e começou a digitar algo. Ele a havia irritado, teria que se virar de outro jeito – mas, mesmo forçando a vista, não conseguia enxergar os detalhes do mapa. Ficaria ali o dia inteiro.

– Daqui você pega o 92 – disse a moça de repente, assustando Mukesh.  
– É no Centro Cívico.

– Ah, *não!* Deve ter outra. O Centro Cívico vive tão cheio de gente... Cheio demais para mim. Pode checar de novo?

A jovem mascava seu chiclete ruidosamente, de mau humor. Olhou para o celular.

– Sei lá. As bibliotecas estão todas fechando por aqui, não estão? – respondeu, respirando fundo antes de acrescentar: – Ah, sim, tem a da Harrow Road, que é logo ali. É o mesmo ônibus, mas no sentido contrário.

– Obrigado, obrigado. Fico muito grato.

Sorriu para ela e, contra todas as expectativas, ela sorriu de volta.

Desceu o meio-fio com entusiasmo, esquecendo como suas pernas eram lentas, e sentiu uma dor lancinante no joelho. A jovem o agarrou com uma firmeza delicada.

– Calma, tem que olhar para os dois lados antes. – Ela olhou para a direita, para a esquerda, para a direita de novo e lhe fez um aceno de cabeça quando o caminho estava livre.

Já do outro lado da rua, ele se virou na direção da moça, a mão erguida num aceno. Mas o ônibus dela havia chegado e Mukesh já fora esquecido.

Quando o 92 parou no ponto, ele escalou os degraus, subindo com muito esforço, e passou o cartão na leitora.

– Com licença – disse ao motorista. – Pode me dizer onde saltar para ir até a Biblioteca da Harrow Road?

Ele enunciou essas palavras solenemente, como se estivesse se referindo a um lugar muito importante. O motorista o encarou com frieza.

– No ponto da Ealing Road – respondeu, afinal.

– Obrigado, meu amigo, obrigado. Hoje é um dia bem importante para mim.



Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

